

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Câmpus Itapetininga

DIVISÃO SEXUAL E RACIAL DO TRABALHO

Rosemeire dos Santos Queiroz.Fulano – PIBIC/Fund. Araucária do Paraná¹

Profa. Dra. Maria Inez Barboza Marques - Unespar²

Profa. Dra. Thais Gaspar Mendes da Silva³

Introdução

A pesquisa em desenvolvimento no processo de iniciação científica, na Universidade Estadual do Paraná, no Câmpus de Paranavaí nos anos de 2024-2025, com subsídio de uma bolsa da Fundação Araucária, tem como tema a divisão sexual e racial do Trabalho. A divisão racial do trabalho, no âmbito da divisão sexual do trabalho é tema necessário no Brasil, tendo em vista que o país possui uma herança escravocrata, que exclui a população negra, particularmente as mulheres negras. Cabe destacar que a divisão sexual do trabalho é a forma da divisão do trabalho social que decorre das relações sociais entre homens e mulheres e que essa forma é adaptada a cada sociedade no espaço e no tempo, sendo que a divisão racial do trabalho, tem destaque em cada período da história. Para tanto, foi introduzida no estudo a interseccionalidade, como ferramenta analítica para compreensão das desigualdades de classe, gênero e raça. A pesquisa bibliográfica, vem sendo realizada por meio de livros e periódicos. Os resultados contribuirão para a compreensão desse fenômeno que atinge diretamente a vida das mulheres negras pela história.

Objetivos

Refletir sobre a divisão sexual e racial do Trabalho na sociedade brasileira, bem como abordar questões relacionadas à interseccionalidade, para compreensão das intersecções de classe, gênero e raça.

Metodologia

A pesquisa em desenvolvimento é de cunho essencialmente bibliográfica. De acordo com Antonio Carlos Gil (2008), por pesquisa bibliográfica entendem-se a leitura, a análise e a interpretação de material impresso. Entre eles podemos citar livros, periódicos, manuscritos, entre outros. Com o respaldo das orientações docentes, a estudante em iniciação científica vem construindo um processo que deve contribuir no aperfeiçoamento das experiências na academia. Para a realização das reflexões, a partir dos “achados” da pesquisa, estão sendo utilizadas as dimensões de totalidade, dialética e historicidade, uma vez que esse processo visa ampliar as concepções dos fatores sociais de maneira abrangente sem desvincular a problemática estudada do contexto social. Com esse direcionamento e estratégias, vem

¹ Estudante do curso de Serviço Social, Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Paranavaí/Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4368-410X> E-mail: rose.cesar@hotmail.com

² Doutora em Serviço Social pela PUC/SP). Universidade Estadual do Paraná (unespar) Paranavaí/Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2427-7739> E-mail: maria.marques@unespar.edu.br

³ Doutora em Serviço Social pela Unesp/Franca/SP. Universidade Estadual do Paraná (Unespar) Paranavaí/Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0998-9113> E-mail: thais.silva@unespar.edu.br

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Câmpus Itapetininga

sendo possível vislumbrar resultados positivos que poderão trazer contribuições para a pesquisa, ensino e até mesmo para a extensão.

Resultados

Entre as leituras realizadas no âmbito da Iniciação Científica, é pertinente mencionar o texto de Nascimento e Gonçalves (2021), em que fica evidente que antes do capitalismo já havia sido instaurada a divisão do trabalho masculino e trabalho feminino. No entanto, quando se instalam as indústrias, fica visível essa divisão: trabalho masculino e trabalho feminino. Nessa dinâmica, foram inseridas mulheres e crianças para trabalharem nas fábricas em lugares que eram antes ocupados por homens, mas, ao colocá-las para o trabalho, o salário não foi o mesmo que o dos homens, e sim com valores inferiores, como se as mulheres não estivessem fazendo o mesmo trabalho, por muitas vezes, com maior dedicação, pois, o contexto da indústria exigia mulheres aptas para o trabalho nas fábricas. A Revolução Industrial foi um período de grandes mudanças econômicas, sociais e tecnológicas que começou no final do século XVIII, principalmente na Inglaterra. Ela aconteceu com a introdução de máquinas e novas técnicas de produção, o que permitiu fabricar bens de forma mais rápida e eficiente. Isso levou ao crescimento das fábricas, à urbanização e a uma transformação na maneira como as pessoas trabalhavam e viviam. Basicamente, foi a passagem de uma economia baseada na agricultura e artesanato para uma economia industrializada. Em partes, as mudanças foram positivas para as mulheres, pois tiveram condições de sair do espaço doméstico para trabalhar, mas não tiveram o mesmo apoio em relação aos trabalhos no âmbito das suas casas, pelo contrário, passaram a ter duplas jornadas de trabalho, por vezes ficavam doentes e conseqüentemente em sua maioria trabalhavam assim mesmo. Para as autoras, na sociedade capitalista, é naturalizado e hierarquizado “trabalho de homem trabalho de mulher”, muitas vezes, homens e mulheres que fazem o mesmo tipo de trabalho e não têm a mesma remuneração, sendo que não há por que não ser igual o salário para ambos, se estes fazem a mesma função. Nascimento e Gonçalves (2021), ressaltam que o Feminismo teve uma grande contribuição para tirar as mulheres da invisibilidade perante a sociedade agregando valor ao trabalho fora de casa. Como resultado das mudanças, vemos o sofrimento das mulheres, podemos dizer que as brancas sofrem, porém, as negras tiveram um tratamento muito mais sofrido, pois sabemos que elas sofreram abusos de todas as formas e suportaram trabalho pesado mesmo estando grávidas e amamentando seus filhos pequenos. Estas eram vistas como reprodutoras de seus senhores, o lugar de trabalho da mulher negra ainda é inferior, pelo contexto da história e também por falta de oportunidades, como estudo, moradia, locomoção dentre outras. Têm ainda muitos desafios pela frente, grandes lutas no avanço para a reparação com as mulheres, tem que desmistificar que trabalho de homem é melhor que trabalho de mulher, “trabalho é trabalho” e ambos têm o mesmo direito de estarem aqui ou ali. O texto de Nogueira e Passos (2020), leva à reflexão de como a divisão sociosssexual e racial do trabalho molda as esferas produtivas e reprodutivas da sociedade, impactando diretamente as desigualdades entre indivíduos, especialmente em relação ao papel das mulheres. Essa divisão, historicamente revela-se como um fator crítico na perpetuação das desigualdades em uma sociedade capitalista e patriarcal. No contexto da pandemia de COVID-19, de 2019 até 2021, essa dinâmica tornou-se ainda mais evidente, demonstrando a necessidade de lutar por uma configuração mais justa do trabalho entre mulheres e homens. Essa luta não apenas busca equidade nas relações de gênero e raça, mas

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Campus Itapetininga

também desafia a estrutura do capital que sustenta as desigualdades no mundo que vivemos. Nogueira e Passos (2020), salientam que a exploração, sustentada pela intersecção entre a divisão sexual e a divisão racial do trabalho, resulta em condições precárias, especialmente para as mulheres negras, estas que tiveram maiores desafios para cuidar dos seus, enfrentaram a falta de serviços, descaso na saúde, alimentação entre outros. As análises dessas divisões são cruciais para compreender os desafios enfrentados por essas trabalhadoras, evidenciando como a confluência de gênero e raça agrava sua vulnerabilidade dessas mulheres Cunha *et al.* (2023), evidenciam que há mulheres que são reconhecidas pelos seus familiares, que contribuem com as suas tarefas, porém há outras mulheres em diferentes situações, eu fazem a mesma rotina de trabalho, mas não têm a colaboração, pelo contrário há muita cobrança sem nenhum reconhecimento por seu trabalho. Portanto, nesta situação se encontram as “mulheres negras” e que na maioria das vezes sofrem todos os tipos de preconceitos, mas ainda assim têm garra para lutar por uma vida melhor, nunca foi fácil para elas, porém, é necessário, para sobreviver. No entanto, não é simples para as mulheres negras enxergarem o quanto são afetadas por essa divisão sexual e étnico/racial do trabalho doméstico, até então, achavam “normal” a luta enfrentada. Quantas “mulheres negras” vemos trabalhando sem serem reconhecidas, pois o trabalho doméstico na maioria das vezes não é reconhecido nem mesmo dentro da própria casa por seus companheiros e filhos, que acham que dentro de uma casa o serviço é fácil, e não precisa de reconhecimento. Cunha *et al.* (2023) evidenciam que se encontram presente nessa dinâmica, as diretrizes do patriarcado, que delegam às mulheres o papel de servidoras e não reconhecem que o trabalho feminino precisa ser remunerado e valorizado tanto quanto o trabalho masculino. Outro texto a ser considerado, é denominado “A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. Cruzamento:” raça e gênero”, de Kimberle Crenshaw (2002), pois, permitiu ver que as diferentes formas de opressão, não acontecem de forma isolada, mas se interconectam entre elas e se tornam um reforço para a desigualdade de classe, gênero e raça. Podemos dizer que ser “mulher e negra” se torna um dos motivos para o sofrimento de todos os tipos de violência. As mulheres, pelo seu gênero, já não têm o mesmo valor que um homem e se for uma “mulher negra” sua condição vai ser um fardo ainda mais pesado. pois sua valorização é menor. No texto, Crenshaw (2002) evidencia que mulheres negras não conseguiram provar que estavam sofrendo racismo na seleção para trabalhar em uma fábrica da General Motors nos Estados Unidos, pois tinham que provar uma intersecção por vez, e isso fez com que fosse descaracterizado o racismo. Na referida fábrica, que buscavam trabalho, havia homens pretos, então aparentemente não havia racismo, também não puderam provar que havia discriminação de gênero, pois havia mulheres brancas contratadas. Considerando uma intersecção fora da outra fica difícil provar o racismo. Crenshaw (2002) considera, por exemplo, que uma mulher negra, ao ser abusada, não terá o mesmo tratamento que uma mulher branca, pelo contrário, vão dizer que era uma mulher fácil, ou vão julgar pela roupa e se o abusador for branco esse ao menos irá ficar preso isto torna-se uma tortura do corpo e ainda mental, considerando ainda as condições de vida que essa mulher teve que enfrentar a vida toda.

Conclusão

A referida pesquisa sobre a Divisão Sexual e Racial do Trabalho na Sociedade Brasileira, evidencia que, historicamente, as desigualdades no trabalho e, perante à sociedade, já estavam presentes antes do Capitalismo, porém se intensificaram com a industrialização.

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Campus Itapetininga

Desde o início, houve uma divisão clara entre trabalho masculino e trabalho feminino que se agravou com a entrada de mulheres e crianças nas fábricas, em que recebiam salários menores que os homens, mesmo quando desempenhavam funções similares. Porém, esse cenário possibilitou às mulheres autonomia fora de casa, mas também as expôs a duplas jornadas de trabalho. Além disso, a intersecção entre raça e gênero mostra que as mulheres negras enfrentam múltiplas formas de opressão, desta dinâmica perpetuada por um sistema capitalista e patriarcal, reforçando assim a necessidade de reconhecer e remunerar de forma justa o trabalho feminino. É necessário considerar as implicações que possam promover a igualdade salarial e programas de valorização do trabalho das mulheres, sobretudo as negras, podendo assim contribuir para a transformação desse cenário, promovendo novas investigações, debates, incentivando a reflexão acadêmica e social sobre a interseccionalidade entre raça e gênero, reconhecendo a importância do trabalho doméstico. É fundamental avançarmos rumo a uma sociedade mais justa e inclusiva, pois o desafio é amplo e contínuo, exigindo mudanças que rompam com padrões históricos de opressão.

Referências

CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero.

Cruzamento: raça e gênero (2002). Disponível em <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-federal-do-piaui/direito-administrativo-i/kimberle-crenshaw-interseccionalidade/32533436> Acesso em 20/11/2024.

CUNHA, Beatriz Matos; BRITO, Giovanna Nínnive Macedo. MENDES, Maria Clara Sousa Silva de Almeida; BORGES, Rafaelly Andreia Carvalho. Indicações sobre a divisão sexual e étnico-racial do trabalho: mulheres entre a desvalorização e a luta por direitos na história. **XI Jornada Internacional de Políticas Públicas**. 19 e 22 de setembro de 2023. São Luiz do Maranhão.

em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2023/images/trabalhos/trabalho_submissao1_d_2758_27586498fc6393e1f.pdf. Acesso em 05/11/2024

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NASCIMENTO, Tamires Guimarães do; GONÇALVES, Renata. Entre a divisão sexual e a divisão racial do trabalho: a precarização das relações de trabalho das mulheres negras. **O Público e o Privado**. Set/dezembro de 2021.

Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/7461> acesso em 05/11/2024.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei, PASSOS, Rachel Gouveia. A Divisão Sociossexual e Racial do Trabalho no Cenário de Epidemia do Covid-19. **Dossiê**, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/ZWKHNKp9Jyxmjngm4SFZsRq/>, acesso em 05/11/2024.